



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Inovação – PROPGPI
Diretoria de Pesquisa - DPq

CURSO:LETRAS

**Comunidades companheiras, bordas indisciplinadas:
entre redes, tecnologias e aprendizagens.**

GRUPO DE PESQUISA: Artes, arquivo, política

PROFESSOR RESPONSÁVEL: Ana Carolina Sampaio Coelho

REGIME DE TRABALHO: 15 hs

ÁREA DE CONHECIMENTO: Letras

Rio de Janeiro – RJ
Março/2021



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Inovação – PROPGPI
Diretoria de Pesquisa - DPq

Resumo

O presente projeto de pesquisa tem como objetivo investigar, a partir da potente imagem da rede, os modos de aprendizagem e estruturação do conhecimento num mundo cada vez mais aberto ao tempo e processo da máquina e das tecnologias digitais, quando a experiência do sensível se dá numa velocidade vertiginosa e numa configuração cada vez mais distanciada do tempo e dos processos do corpo, das plantas e dos animais. Trata-se de um projeto essencialmente aberto para a interdisciplinaridade e que, diante da crise ambiental que vivemos, busca pensar o ensino e aprendizagem da literatura e das artes *com* as ciências biológicas, a matemática, a meditação, a computação e a antropologia, no intuito de ampliar e dar a ver as relações entre esses campos de saberes. Nos interessa engendrar um pensamento acerca da cisão estabelecida entre máquina / corpo ou técnica / orgânico e para tanto pesquisaremos como essas questões estão presentes no pensamento de autores como Gary Snyder, Gilles Deleuze, Anna Tsing, Fernand Deligny, Donna Haraway, Emanuele Coccia, bell hooks, Paulo Freire, dentre outros.

Buscamos investigar como a rede, a partir da imagem do “rizoma”, proposto por Deleuze e Guatarri, se configura como um sistema de resistência diante de sistemas lineares, hierárquicos e centralizadores, de maneira análoga ao que Anna Tsing sugere ao indicar a criação de comunidades com “espécies companheiras”. Para ampliar a discussão em torno da aprendizagem, nos interessa também investigar como os espaços de formação podem sustentar um pensamento voltado para gestos inacabados, para a ciência nômade, dispostos à criação de dispositivos alegres, acasos e a criação de percursos educacionais calcados na diferença e em processos de cooperação, como a produção de Recursos Educacionais Abertos para o ensino de literatura e seus atravessamentos com a biologia, ou língua portuguesa na interface com a filosofia e a matemática, por exemplo. Se todo o percurso de aprendizagem é uma proposição inventiva, de criação e leitura crítica, nos interessa pensar como podemos sustentar uma aprendizagem também aberta, essencialmente cartográfica e avessa à lógica do decalque e da reprodução.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Inovação – PROPGPI
Diretoria de Pesquisa - DPq

Introdução

“A rede é um modo de ser” (2015, p. 15), aponta Fernand Deligny, etólogo, psicanalista, poeta e pedagogo francês [1913- 1996], responsável por construir na década de 1960, na região de Cèvennes, sul da França, um potente espaço de convívio e investigação do modo de ser que nomeia como “aracniano”. Para ele, a observação da natureza e, mais especificamente, da atividade animal, portanto, de seres a-conscientes, são fundamentais para pensar nosso modo de estar no mundo. Deligny afirma que a aranha (*araignée*) é uma imagem que se projeta para identificarmos o fazer sem intencionalidade ou, para usarmos uma expressão sua, o animal ao tecer a sua teia não age como um “projeto pensado” e não se encontra preso às “linhas do fazer”, mas rende-se ao saber próprio do movimento sem intenção e projeto. Assim, indica que:

Onde se encontra o projeto da teia de aranha? Como não se trata de um querer fazer, de um projeto pensado, desaparece a necessidade do projeto. O que não impede a teia de existir, a teia e muitas outras coisas ainda mais estupeficientes; coisas assim se encontram em todas as páginas de *Architecture animale*. (2015, p.36)

Enquanto o “fazer” designa uma atividade com objetivo e um pretense fim, o “agir” refere-se a uma atividade sem objetivo ou razão e é essa radicalidade que diferencia os sujeitos conscientes de si e as crianças autistas, por exemplo. Seu trabalho não invasivo no cuidado e compartilhamento da vida com crianças autistas ou “crianças à parte”, como prefere, sugere potentes caminhos que fabulam processos de aprendizagem que acontecem na possibilidade rizomática da rede.

Células, plantas, minerais, sons, ecossistemas e todo tipo de organização sistêmica se configura a partir da potente imagem da rede. Gilles Deleuze e Félix Guatarri, no livro “Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia” (1995),retiram e recuperam o termo “rizoma” da botânica e o propõem como uma imagem para pensarmos a resistência diante de sistemas lineares, hierárquicos e centralizadores. Deleuze e Guatarri apontam para os processos de crescimento e organização típicos desses tubérculos, que crescem e se expandem a partir de agenciamentos compostos por linhas, desvios, rupturas e suas multiplicidades. Os sistemas rizomáticos, quando assumem formas contrárias à lógica do crescimento uno e diretivo do modelo arborescente, podem também ser lidos como modelos de resistência política, pois suas estruturas



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Inovação – PROPGPI
Diretoria de Pesquisa - DPq

essencialmente abertas e errantes estão projetadas num aberto, num crescimento que acontece a partir das conexões, avesso a todo e qualquer projeto de controle e poder.

Ao propor o rizoma como um sistema conceitual aberto, “mapa e não decalque” (1995, p.22), Deleuze e Guattari sugerem que estes mapas de trajetos devem estar sempre em trânsito e constante movimento. O rizoma como um mapa aberto aponta para um modelo voltado às experimentações ancoradas no real e potente em conexões: “o mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza. (1995, p.22) Um rizoma não reproduz caminhos já traçados, mas os inaugura constantemente a partir de rupturas, desvios e do crescimento labiríntico de suas múltiplas entrada e saídas.

Ao estabelecer uma vida em comum com sujeitos que organizam a vida de um modo radicalmente diferente, sem pressupor uma hierarquia como nas relações entre terapeuta e paciente, Deligny propõe que as crianças autistas existissem para além de diagnósticos fechados e arbóreos e que seus percursos fossem acompanhados a partir de um mapeamento contínuo. Como se constituía a linguagem para uma criança muda? Quais são seus modos de narrar e produzir imagens e sentidos? Para viver numa experiência aberta e estar nesse “estado de presença” com crianças autistas, Deligny sugere uma alteração no modo de operação com a linguagem que inevitavelmente também nos leva a desbancar a predominância da fala como modo de articulação do pensamento.

Deligny propõe, assim, um estado como “presença próxima” dessas crianças e não como alguém que vai interpretar seus gestos. Esse modo demonstra toda a força de uma proposta não diretiva: na construção de uma relação com cada criança, numa forma de desarmar as estruturas de poder, de um saber *sobre* o outro. O agenciamento criado por Deligny e as demais “presenças próximas” é baseado na busca de um “agir junto”, sem pretensão de um tratamento, educação ou normatização, e assim acaba por questionar a intencionalidade dos “projetos pensados” e o modo-de-ser do sujeito “consciente de si” ou do “homem-que nós-somos”. O filósofo aponta que uma “rede pode acabar desaparecendo ou acabar em instituição.” (2015, p.30)

Sempre que exposta ao “projeto pensado”, a intencionalidade e a sistematização a rede é capturada, pois, “o único suporte que possibilita a rede é a brecha, a falha” (2015,p.30) A ideia da instituição como um avesso ao rizoma também aparece em Deleuze: “Deixarão que vocês vivam e falem, com a condição de impedir qualquer saída. Quando um rizoma é fechado, arborificado, acabou, do desejo nada mais passa; porque é sempre por rizoma que o desejo se move e produz” (1995,p.23) O pensamento orgânico da rede,



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Inovação – PROPGPI
Diretoria de Pesquisa - DPq

um mapa sempre aberto às experimentações e aos atravessamentos de linhas de intensidade é anulado pelas intencionalidades sem brechas para o movimento do acaso e coincidência.

Noutro apontamento, em “A vida das plantas” (2018), o filósofo italiano Emanuele Coccia discorre sobre o que denomina de “metafísica da mistura”; diz ele que “viver é essencialmente viver a vida de outrem: viver na e através da vida que outros souberam construir ou inventar” (2018, p.14) A ideia da circulação e da “metafísica da mistura”, portanto, em rede, se faz presente no ato da respiração, por exemplo, quando estamos imersos “num meio que nos penetra com a mesma intensidade com que nós o penetramos” (p.18). A partir de uma investigação preciosa acerca da vida vegetal, Coccia reúne filosofia e pensamento sobre a técnica e as artes e propõe uma perspectiva que se dá sempre no “entre” ou ainda, numa expansão muito interessante, num modo aéreo.

Para Coccia, as plantas nos oferecem a compreensão que a vida só acontece de um modo interligado, em rede e contrária a toda ideia de pureza. Ele lembra que as plantas “transformam tudo que tocam em vida, fazem da matéria, do ar, da luz solar o que será para o resto dos seres vivos um espaço de habitação, um mundo”. (2018, p. 15) Esse espaço de habitação engendrado pelas plantas é um lugar possível de con-vivência com a diferença sem uma tentativa de colonização, domínio e poder sobre o outro. As plantas nos oferecem a compreensão de que a vida só acontece de um modo interligado, sempre no “entre”, portanto de modo poroso, permeável e contrário a toda ideia de pureza.

A antropóloga Anna Tsing nos sugere “criar comunidades com outras espécies”, num movimento muito próximo ao do poeta Gary Snyder, quando se detém a observar as margens porosas e “bordas indisciplinadas” dos cogumelos. Tsing propõe que olhemos para as paisagens multiespécies para entendermos mais sobre a ausência do desejo de controle e domesticação, algo bem próximo ao projeto de uma vida de Deligny. “A natureza humana é uma relação entre espécies” (2015,p.184), aponta Tsing. Para ela, devemos elaborar uma ética e um modo de viver em relações com essas espécies sem as mesmas estratégias de dominação e domesticação, como temos feito ao longo dos séculos, especialmente desde a Revolução Industrial. Os cogumelos, aponta Tsing, podem nos ensinar sobre hibridismo, colaboração, indeterminação e muito daquilo que esquecemos ao colocarmos em marcha o projeto da modernidade e da razão.

Deligny, Deleuze, Anna Tsing e Coccia propõem, cada um a seu modo, as linhas desviantes como potência de vida, inventiva, de descoberta e experimento, contrários ao programa, à reprodução e, portanto, à instituição. Eles propõem um convite para que possamos aprender a pensar com a terra, o ar e com a



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Inovação – PROPGPI
Diretoria de Pesquisa - DPq

possibilidade aberta de redimensionamento do espaço a partir da ocupação produzida pelo intelecto em toda a tradição da filosofia ocidental.

Dessa maneira, esse projeto de pesquisa tem como propósito pensar, a partir da imagem da rede, tão recorrente na obra desses autores, os modos de aprendizagem e estruturação do conhecimento num mundo cada vez mais aberto ao tempo e processo da máquina, quando a experiência do sensível se dá numa velocidade vertiginosa e numa configuração cada vez mais distanciada do tempo e dos processos do corpo e, porque não dizer, terminantemente longe dos modos de-ser-no-mundo das plantas e dos animais. .

Nos interessa engendrar um pensamento acerca da cisão máquina / corpo ou técnica / orgânico e como isso pode mover percursos para o ensino da literatura e das artes. A partir do pensamento de Walter Benjamin, pretende-se aprofundar uma crítica à racionalidade técnica, sugerida como símbolo de progresso e a subjetividade fomentada a partir desses processos de “tecnificação”. Em “Sobre o conceito de história” (1940), o pensador alemão questiona a associação que se estabelece entre progresso e história, como se estivessem intrinsecamente relacionados. Benjamin profere críticas radicais à civilização “capitalista industrial moderna” que então se estabelecia em meio aos preceitos de “desenvolvimento” e “crescimento”. Em seus escritos, estava anunciada a catástrofe ecológica em que estamos imersos e o que seria criada a partir dessa concepção vertiginosa de desenvolvimento. Por isso, para Benjamin o presente não pode ser concebido apenas como uma passagem entre o passado e o futuro.

Ele sugere que devemos “salvar” o presente, o “tempo-agora”, a partir de desvios e saltos para “fora da história”. Desse modo, instaura-se uma concepção diferente para o presente, livre dos fatalismos do peso de uma história sem brechas para escapes e reinvenções. Numa proposição de tempo aberto, onde o tempo dialoga com a “linguagem da possibilidade” e o futuro não consta já escrito, é na atividade humana, plural, que os rumos da história podem ser redefinidos. Sua concepção de história desarma a lógica dos discursos recorrentes que associam as tecnologias digitais e um pretense “progresso” nos modos de ensino e aprendizagem. Interessa-nos pensar, com Benjamin, como criar dispositivos e práticas que problematizem a subjetividade criada e fomentada pelos discursos da técnica e da informação? E como criar desvios à força que se projeta contra o corpo através de discursos lineares e hierárquicos, derivações do que Deligny nomeia como “projetos pensados”, ou seja, um agir direcionado sempre a partir de uma intenção e finalidade, sem abertura para o devir de linhas desviantes?

Ao propor pensar a aprendizagem e o ensino da literatura e das artes a partir da imagem da rede, nos alinhamos ao que Deligny sugere: “não é um fazer; é desprovida de todo *para*; todo excesso de *para* reduz a rede a farrapos no exato momento em que a sobrecarga do projeto é nela depositada”. (2015, p.25) Assim, a imagem da rede e seus agenciamentos nos sugerem modos de pensar práticas de aprendizagem mediadas



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Inovação – PROPGPI
Diretoria de Pesquisa - DPq

pelas artes que não sejam estruturadas, oficializadas e mapeadas pela lógica utilitária. Nos propomos a imaginar práticas pedagógicas não arborescentes, numa tentativa de colocar a questão de Deligny em movimento: “como fazer o aracniano persistir e não só existir?” (2015, p.39)

Para ampliar a discussão em torno da aprendizagem, nos interessa também investigar como os espaços de formação podem sustentar um pensamento voltado para gestos inacabados, para a ciência nômade, dispostos à criação de dispositivos alegres, acasos, e não reforçar apenas os fazeres institucionais. Haveria nesses espaços a abertura para “não sujeitar” às pessoas? Se todo o percurso de aprendizagem é uma proposição inventiva, de criação e leitura crítica, os princípios rizomáticos são traços que podemos associar a uma aprendizagem também aberta, essencialmente cartográfica e avessa ao decalque. Aqui nos referimos especificamente ao que Deleuze e Guatarri (2002) propõem como ideia de mapa, um movimento aberto, baseado no movimento, fluxo e novas formas de vida. Para Deleuze, o mapa não se volta a si mesmo, mas é uma representação “inteiramente voltada para uma experimentação ancorada no real, na ação. O mapa seria, portanto, um movimento inventivo, sempre aberto, em processo, movente e libertário e em outra chave opera o decalque, sempre cópia e representação.

O poeta Beat, o americano Gary Snyder, noutro modo, problematiza essa questão numa série de ensaios, desde os anos 1960, num tempo contemporâneo a Deligny, e em vários de seus poemas. A sua proposta, por exemplo, parte da ideia de uma *re-habitação*, principalmente quando afirma que “a complexidade da tecnologia moderna deixa populações inteiras vulneráveis” (2005, p. 194) e que é por isso que “há nações inteiras nas quais a vida diária é um desastre progressivo” (2005, p. 201).

Daí que pense e sugira abrir caminhos a uma aprendizagem “fora da trilha”, que reúna coisas como a matemática e a música, a meditação, a tecnologia e o alpinismo etc., para que se possa ter uma “revolução completa das consciências”, uma “nova escola”, contra a posse desnecessária, este “vício que consome a todo mundo” (2005, p. 196) e este “nacionalismo ressurgente, do racismo, das violências [...] e da *sempre* crescente desigualdade social e econômica” (2005, p. 201). Se a verdadeira riqueza é não precisar de nada, como indica, é numa “rede de forças” (p. 197) e em contato com a vida das plantas e de nossa animalidade ancestral, a dos atos concretos simples, que se poderia traçar ou retraçar essa rede livre, plural, múltipla, numa espécie de saúde ecológica total. Num fragmento do poema “Fora da trilha”, ele anota:

Somos livres para encontrar nosso próprio caminho
Sobre pedras – por entre as árvores –
Onde não há nenhuma trilha. O cume e a floresta
Se apresentam aos nossos olhos e pés



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Inovação – PROPGPI
Diretoria de Pesquisa - DPq

Que decidem por si mesmos

Em sua sabedoria ancestral de ir

Aonde a vida selvagem nos levará. Nós já

Estivemos aqui antes. É de algum modo mais profundo

Do que seguir por sendas que dispõem algumas rotas

Às quais você se apega.

(SNYDER: 2005, p. 167)

A “vida selvagem” é tecida a partir do desejo de novas formas de vida, num tempo e movimento próprio, no estabelecimento de uma conexão profunda com o mundo ao redor, tal como descreve Coccia ao referir-se à vida das plantas: “sua vida é uma interminável contemplação cósmica, sem dissociar os objetos e as substâncias, ou, dito de outra forma, aceitando todas as nuances, até se fundir com o mundo, até coincidir com sua substância”. (2018, p.13)

Ao conceber uma concepção problematizadora e libertadora da educação, uma “nova escola”, fora da trilha, é a pedagogia de Paulo Freire (1921 – 1997) que pode ainda nos propor seguir caminhos onde não há nenhuma trilha cartografada anteriormente. E nos indica a “linguagem da possibilidade”, ou a “palavra-mundo”, avessas à instrumentalização da linguagem, que permite esse desvendamento e fabulação de mundos os a partir do direito de todo homem e de toda mulher aprender a dizer a sua própria palavra, mesmo se muitas vezes inespecífica. Ao conceber o homem como um ser histórico, Freire reforça a capacidade de cada indivíduo de construir a sua história, ao participar com os outros na construção de mundos múltiplos, móveis e descentralizados. Investigaremos como o potencial emancipatório presente na obra de Freire, que se nega a falar *pelo* outro, e se articula com o pensamento de Deleuze, Deligny e Coccia e pode também transitar nessa arqueologia de redes, rizomas, devires e saberes arcaicos da consciência vegetal que, por fim, também aparece no pensamento de Gary Snyder.

Nos últimos dez anos, grande parte da minha pesquisa esteve voltada para análise dos processos da cultura digital, especialmente aqueles que podem ser lidos dentro da chave da “cultura livre”: ética *hacker*, cultura do *copyleft* e redes de aprendizagem digitais, para citar alguns exemplos. Essas investigações tiveram em comum o intuito de explorar espaços nas redes digitais ainda não ocupados de forma deliberada pelo capital. De algum modo, essas investigações dialogavam com um dos pilares da *cultura internet*, representada pelos *hackers* e suas operações de desvios, “bugs” e modos de implantar o “erro” no sistema dentro da própria rede. Em sua essência, o modo como a Internet operava, ainda nos idos da década de 60,



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Inovação – PROPGPI
Diretoria de Pesquisa - DPq

possuía muita ressonância com o conceito de rizoma de Deleuze: múltiplas entradas e saídas, sem centro e hierarquia, além de crescer a partir de conexões e agenciamentos não lineares.

Passados dez anos do início destas pesquisas, observo que a ideia de “progresso” e “desenvolvimento”, a que Benjamin aferiu duras críticas, tornaram-se hegemônicas nas redes digitais e os discursos de poder, controle e vigilância ocuparam praticamente todos os espaços na Internet. Avesa ao modo como a rede digital despontou no seu surgimento, ainda no contexto da contracultura dos anos 60 nos Estados Unidos, atualmente ela tornou-se também um projeto bélico, hierárquico e que busca manter a hegemonia dos mesmos grupos detentores do poder econômico. Assim, decidi seguir o rumo que já se delineava nos últimos anos de pesquisa nas suas aproximações com a filosofia e o pensamento de autores como Walter Benjamin, Gilles Deleuze e Fernand Deligny.

Nesse projeto de pesquisa, pretendo ampliar a investigação que atualmente já desenvolvo acerca das implicações entre redes e aprendizagem, mas agora deslocada para pensar acerca da cisão corpo / máquina e técnica / orgânico e como isso pode engendrar modos de pensar o ensino da literatura e das artes num diálogo profundo com outros campos de saber, tais como a matemática, a computação, ciências biológicas e a meditação, por exemplo.

Objetivo

O objetivo geral desse projeto, tal como já foi apontado anteriormente, é analisar, a partir da imagem da rede, presente nas obras de Emanuele Coccia, Anna Tsing, Gilles Deleuze e Fernand Deligny e, ainda, desdobrando até Walter Benjamin e Paulo Freire ou ao pensamento de Gary Snyder, como se pode engendrar um pensamento acerca da cisão máquina / corpo ou técnica / orgânico e como isso pode mover percursos para o ensino da literatura e das artes, num atravessamento com outros campos do saber.

Objetivos Específicos:

- Aprofundar uma crítica à racionalidade técnica a partir do pensamento e obra de Walter Benjamin e Donna Haraway.
- Estabelecer uma relação entre o conceito de “palavramundo” de Paulo Freire e o conceito de rede de Emanuele Coccia, Gilles Deleuze e Fernand Deligny.
- Promover espaços de pesquisa para os cursos de Letras (Licenciatura e Bacharelado) da Unirio, que operem dentro dessas áreas de saber: literatura, artes, pensamento acerca da máquina e as redes.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Inovação – PROPGPI
Diretoria de Pesquisa - DPq

- Pensar o ensino e aprendizagem da literatura e das artes *com* as ciências biológicas, a matemática, a meditação, a computação e a antropologia, no intuito de ampliar e dar a ver as relações entre esses campos de saberes.
- Criar cursos e disciplinas optativas no curso de graduação em Letras / UNIRIO a partir dos resultados da investigação.
- Criação de Recursos Educacionais Abertos para o ensino da literatura e suas relações com outros campos do saber e um repositório para armazenamento dos REA.

Relevância Científica

O projeto de pesquisa irá contribuir com a importante discussão em torno das relações entre educação, máquina e a ideia da rede, num momento em que observamos uma crescente inserção das tecnologias digitais na mediação dos processos de ensino-aprendizagem e o estabelecimento de uma intensa relação com os tempos e processos das máquinas. É fundamental pensarmos como a dita “sociedade em rede” se estrutura no campo da educação. O projeto propõe uma discussão em torno da imagem da rede a partir da perspectiva de filósofos/as, antropólogos/os e poetas que investigam a arquitetura animal e vegetal. A relevância do projeto também se dá pelo seu caráter essencialmente interdisciplinar, ao propor um pensamento acerca do ensino da literatura *com* as ciências biológicas, a matemática, a antropologia e a meditação, por exemplo. Ainda podemos apontar a fundamental importância do fomento à criação de Recursos Educacionais Abertos nesse atravessamento do ensino da literatura e língua portuguesa com distintos campos do saber.

Metodologia

Trata-se de um estudo exploratório, realizado a partir de uma pesquisa bibliográfica em torno do trabalho dos autores já referidos anteriormente: Emanuelle Coccia, Gilles Deleuze, Anna Tsing, Fernand Deligny, com desdobramentos a Walter Benjamin, bell hooks, Paulo Freire e Gary Snyder. Pretende-se fazer um levantamento dos conceitos que perpassam as obras destas autoras e autores e articulá-los com a imagem da rede, numa tentativa de estabelecer uma análise das ideias em torno da cisão corpo / orgânico e técnica / máquina. Há, ainda, a proposta de criação de uma página na Internet para explicitação do andamento da pesquisa e mapeamento das referências da investigação. Ele será alimentado periodicamente com questões e imagens que perpassam a pesquisa. O projeto também prevê a produção de Recursos



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Inovação – PROPGPI
Diretoria de Pesquisa - DPq

Educacionais Abertos para o ensino de literatura, língua portuguesa e seus atravessamentos com outros campos de saberes, como a biologia e matemática, por exemplo.

Cronograma

A pesquisa terá a duração de dois anos e será realizada de acordo com o cronograma abaixo:

2020.2 – 2021.1

Levantamento de material bibliográfico acerca da pesquisa

Leituras e reuniões de pesquisa

Criação e manutenção de site com registros acerca do desenvolvimento da pesquisa

2021.2 – 2022.1

Leituras e reuniões de pesquisa

Criação do repositório de REA

Publicação de artigos e apresentações de trabalhos em eventos científicos

2022.2 – 2023.1

Manutenção de site com o desenvolvimento da pesquisa

Manutenção e atualização repositório de REa

Apresentação de trabalhos em eventos científicos

Publicação de considerações acerca da pesquisa em livro e cadernos de produção coletiva.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Inovação – PROPGPI
Diretoria de Pesquisa - DPq

Referências

- BENJAMIN, W. **Magia e Técnica, Arte e Política**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo, Brasiliense, 1985. (Obras Escolhidas; v. 1)
- _____. **Passagens**. Organização de Willi Bolle. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- _____. **A hora das crianças**. Trad. Aldo Medeiros. Rio de Janeiro, Nau Editora, 2015.
- _____. **Ensaio sobre literatura**. Trad. João Barrento. Lisboa, Assírio e Alvim, 2016.
- _____. **História da literatura e ciência da literatura**. Trad. Helano Jader / Posfácio. Manoel Ricardo de Lima. Rio de Janeiro, 7Letras, 2016.
- _____. **Magia e Técnica, Arte e Política**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo, Brasiliense, 1985. (Obras Escolhidas; v. 1)
- _____. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. Trad. Marcus Vinícius Mazzari. São Paulo, Ed. 34, 2002.
- _____. **Rua de mão única, Infância Berlinense: 1900**. Trad. João Barrento. Belo Horizonte, Autêntica, 2013.
- BLANQUI, Louis. **A eternidade pelos astros**. RJ: Rocco, 2016.
- CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. Paz e Terra. 1999.
- COCCIA, Emanuele. **A vida sensível**. Florianópolis. Cultura e Barbárie Editora, 2010.
- _____. **A vida das plantas. Uma metafísica da mistura**. Trad. Fernando Scheibe. Florianópolis: Cultura e Barbárie Editora, 2018.
- _____. **Metamorfoses**. Dantes, 2020.
- D'ANGELO, Martha. **Arte, educação e política em Walter Benjamin**. São Paulo: Loyola, 2006. .
- DAMÁSIO, Antonio. **O Mistério da Consciência - Do Corpo, das Emoções ao Conhecimento de Si**. São Paulo: Companhia das Letras, São Paulo, 1999
- DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O que é a filosofia*. 2. ed. São Paulo:
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 1992.
- DELIGNY, Fernand. **O aracniano e outros textos**. São Paulo: n-1 edições, 2015
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Coisa pública, coisa dos povos, coisa plural dos sentidos*. 4. ed. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva,



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Inovação – PROPGPI
Diretoria de Pesquisa - DPq

Editora 34, 1997. In **A República por vir – Arte, Política e Pensamento para o século XXI**. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.

_____. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Trad. Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2011a.

FRAGOSO, E. (Org.). **Gilles Deleuze: imagens de um filósofo da imanência**. Londrina: Ed. UEL, 1997.

FRANT, Adriana. Janmari: mãos férteis em linhas. In: **Cadernos Deligny**. v 1. n.1, 2018. Disponível em: <https://cadernosdeligny.jur.puc-rio.br/index.php/CadernosDeligny> Acesso em: 10/10/2019.

FREIRE, Paulo. A máquina está a serviço de quem? **Revista BITS**; (S>I), p.6, mai, 1984.

_____. **Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Extensão ou comunicação?** 4o ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____. **Política e Educação: Ensaio**. São Paulo: Cortez, 2001.

GALLO, Silvio. **Deleuze & Educação**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2008.

GERALDI, João Wanderley. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

GIROUX, Henry. **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem** [Trad. Daniel Bueno]. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GUATTARI, Felix e ROLNIK, Suely. **Micropolítica. Cartografia do Desejo**. Petrópolis: Editora Vozes. 2000.

GUATTARI, Felix. **As Três Ecologias**. (trad. Maria Cristina F. Bittencourt). Campinas: Papius, 2005

HARAWAY, Donna. **Manifiesto para cyborgs. Ciência, tecnologia y feminismo socialista a finales del siglo XX**. Mar del Plata: Letras Sudaca Ediciones, 2019.

_____. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 5, p. 7–41, 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 10 fev . 2021.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade** . MartinsFontes, 2013



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Inovação – PROPGPI
Diretoria de Pesquisa - DPq

LINS, Daniel. Mague School ou por uma pedagogia rizomática. **Dossiê: “Entre Deleuze e a Educação”**. Educ. Soc. Vol. 26. nº 93. Campinas. Sept./Dec. 2005.

NANCY, Jean- Luc. **Being Singular Plural**. Tradução de Robert D. Richardson and Anne E . O 'Byrne. California: Standford Press, 2000.

KASTRUP, V. Autopoiese e Subjetividade: sobre o uso da noção de autopoiese por G. Deleuze e F. Guattari. **Revista do Departamento de Psicologia da UFF**, v.7, n.1. 1995. P. 86-96. LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução de João Wanderlei Geraldi. Revista Brasileira de Educação. ANPED, n.19, jan-abr 2002.

LOWI, Michael. **A filosofia da história de Walter Benjamin** [Versão eletrônica], *Estud. av.*, 16(45), 199-206, 2006.

_____. **Walter Benjamin: aviso de incêndio**. São Paulo: Boitempo, 2005.

MATOS, Sônia Regina da Luz. O pedagogo francês Fernand Deligny (1913-1996) e a sensibilidade estética da existência autista. **Revista entreideias: educação, cultura e sociedade**. Salvador, v. 5, n. 2, p. 97-102, jul. /dez. 2016. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/17983> E-ISSN: 2317-0956. Acesso em: 22/09/2019.

RANCIÈRE, Jacques. **O Mestre Ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

ROLNIK, Suely. (org.). **Revolução Molecular. pulsações políticas do desejo**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

SCHOPKE, Regina. **Por uma filosofia da diferença: Gilles Deleuze, o pensador nômade**. Rio de Janeiro, Contraponto, 2012.

SNYDER, Gary. **Re-habitar – Ensaios e poemas**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2005.

TSING, Anna. Margens Indomáveis: cogumelos como espécies companheiras. **Ilha Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 177-201, nov. 2015. ISSN 2175-8034. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/2175-8034.2015v17n1p177>>. Acesso em: 16 jun. 2020. doi:<https://doi.org/10.5007/2175-8034.2015v17n1p177>.